

O COMPORTAMENTO SINTÁTICO DAS CONJUNÇÕES CAUSAIS/EXPLICATIVAS

ANTÔNIO SÉRGIO CAVALCANTE DA CUNHA (FFP-UERJ)

1 – Apresentação do problema

As dificuldades que os compêndios de gramática utilizados no ensino fundamental e médio encontram para deixar clara a diferença entre as orações subordinada adverbial causal e coordenada sindética explicativa geram, também, dificuldades no ensino desse tópico por parte dos professores e de entendimento pelos alunos.

O principal problema está na semelhança semântica entre os dois tipos de oração: pode-se dizer que toda oração que exprime uma causa de um fato expresso em outra oração é, também, uma explicação para esse fato. Assim, em última análise a oração causal não deixa de ser uma explicativa também. Mais adiante, veremos que, igualmente com relação às orações classificadas como coordenadas explicativas, há conexão semântica com as causais, embora essa conexão seja menos explícita do que a anterior.

Outro problema encontrado nos compêndios voltados para o ensino está no fato de aliarem de forma indissolúvel a semântica da oração aos processos de coordenação e subordinação, que, na nossa opinião, são de natureza sintática. Assim, a oração dita explicativa é sempre coordenada, enquanto que a que exprime causa é sempre subordinada adverbial.

Um terceiro problema relaciona-se à questão das conjunções/locuções conjuntivas que introduzem tais orações. Os compêndios gramaticais não estabelecem critérios claros para incluir determinada conjunção/locução num ou noutra grupo. Assim, apesar de as mesmas conjunções poderem introduzir ambos os tipos de oração, as listas podem ser diferentes de livro para livro e nunca se sabe o porquê das diferenças entre as listas apresentadas por um compêndio e as listas apresentadas por outro. Some-se a isso o fato de que muitos desses compêndios acrescentam ao final da lista um etc., o que deixa aberta a possibilidade de inclusão de um elemento ausente nela.

2 – Semelhanças semânticas entre a oração causal e a explicativa

Só para exemplificar a dificuldade que os autores encontram para fazer a distinção entre as causais e explicativas, citamos as definições dadas por Cegalla para ambos os tipos de orações:

Coordenada sindética explicativa: exprime explicação, motivo, razão e é introduzida por conjunção coordenativa explicativa; Subordinada adverbial causal: exprime causa, motivo, razão; é introduzida por conjunção subordinativa causal e funciona como adjunto adverbial de causa. (Cegala, 1987)

Em suma, motivo e razão são sinônimos de causa e de explicação. Em outras palavras, causa e explicação são a mesma coisa para o autor.

Tomemos a seguinte sentença, tirada do jornal O Globo, de 04/09/1993: A inflação brasileira não caiu naturalmente até hoje porque o setor público, com o seu déficit crônico, alimenta o processo. Há duas orações: A inflação brasileira não caiu naturalmente até hoje e porque o setor público, com o seu déficit crônico, alimenta o processo. Não é difícil perceber que o fato expresso na oração introduzida por porque (o déficit crônico do setor público) é uma causa para o fato expresso na outra oração (a não queda natural da inflação brasileira). Igualmente, não é difícil perceber que a oração introduzida por porque explica o que foi declarado na oração anterior. Então, podemos perguntar se a oração introduzida por porque é subordinada adverbial causal ou coordenada sindética explicativa.

A recíproca também faz sentido: A moça vai viajar, porque vi seu passaporte ontem. Evidentemente, o fato expresso na segunda oração (porque vi seu passaporte ontem) não é causa do que foi expresso na primeira (a moça vai viajar). Trata-se de uma explicação. No entanto, a primeira oração representa um ato de fala de suposição (Suponho que a moça vai viajar) e, é perfeitamente cabível que se diga que porque vi seu passaporte ontem seja entendida como uma causa para a suposição feita. O exemplo foi tirado de Carone (2003, p. 73). A autora argumenta que “a explicativa é “lateralmente” uma causal.” E mais: ela não é a causa referencial do que foi formalizado na outra oração, mas a causa do ato e da atitude do locutor, ao produzir seu enunciado. Em outras palavras, “não é a causa do “dictum”,

mas do “modus” do falante, visto que gerou (causou) seu julgamento sobre o fato exposto.

Diante dessas proximidades semânticas, não fica difícil entender por que as mesmas conjunções/locuções conjuntivas que introduzem orações que expressam causa também introduzem orações que expressam explicação.

3 – A questão da coordenação e da subordinação nas gramáticas tradicionais

Pouca atenção é dada nos compêndios à elucidação da diferença entre coordenação e subordinação. Dizem os autores que a oração subordinada representa uma função sintática de outra oração, enquanto a oração coordenada não representa nenhuma função sintática de outra oração.

Não é difícil entender que há subordinação no caso das orações substantivas, nem no caso das orações adjetivas. O problema, no entanto, está nas orações subordinadas adverbiais.

Este problema já nasce no nível intra-oracional quando os compêndios de gramática tratam do chamado adjunto adverbial. Eles incluem entre os adjuntos adverbiais termos de comportamentos sintáticos diferentes pelo simples fato de serem representados por um advérbio. Aliás, para a gramática tradicional, com base na NGB, o advérbio só pode ter, na oração, a função de adjunto adverbial. Será que podemos atribuir a mesma função sintática ao advérbio *francamente* nas duas sentenças a seguir: *O filho falou francamente com o*

pai e Francamente, você não presta para nada.? É óbvio que não. O primeiro *francamente* está ligado ao verbo da oração, responde à pergunta feita ao verbo com o advérbio interrogativo *como?* e pode ser extraposto ou clivado (*Foi francamente que o filho falou com o pai*). Nenhum dos três processos sintáticos pode ser aplicado ao segundo *francamente*. Então não podem ser ambos adjuntos adverbiais.

No nível interoracional, a situação é a mesma. Todas as orações adverbiais são consideradas pelas gramáticas como adjuntos adverbiais da principal. Ora, da mesma forma que no nível intra-oracional, há problemas no nível interoracional. Em *A inflação brasileira não caiu naturalmente até hoje porque o setor público, com seu déficit crônico, alimenta o processo*, a oração iniciada por *porque*, que seria classificada pela maioria das gramáticas (senão por todas) como subordinada adverbial causal, tem relação com o verbo da oração dita principal (*caiu*), tanto assim que responde a uma pergunta com *por que?*. Além disso pode ser clivada ou extraposta (*É porque o setor público, com seu déficit crônico alimenta o processo que a inflação brasileira não caiu naturalmente até hoje*). Já uma oração introduzida por uma conjunção como *embora*, considerada uma subordinada adverbial concessiva e, portanto, representando um adjunto adverbial de concessão de sua principal, não responde a qualquer pergunta feita ao verbo com advérbio interrogativo, não pode ser clivada ou extraposta. Veja, por exemplo, *Embora João não tenha estudado para a prova com afinco, obteve ótima nota*. A partir dessa realidade, será que realmente podemos afirmar que a oração introdu-

zida por *porque* e a introduzida por *embora* têm a mesma função sintática em relação à principal? Ou a limitação das gramáticas tradicionais, em virtude das imposições feitas pela NGB, leva a desconsiderar as inúmeras possibilidades de funções sintáticas do advérbio na oração e das orações adverbiais no período?

4 – Coordenação e subordinação segundo Carone

Em sentido amplo, a autora afirma que a subordinação teria como característica o binarismo, isto é, a relação que se estabelece entre dois elementos.

Além disso, na subordinação, essa relação binária não é de igualdade. Os elementos articulados por meio de subordinação mantêm entre si relações de dependência, de modo que existe um elemento central subordinante e o marginal subordinado. Dá como exemplo o sujeito de “*Ouviram do Ipiranga as margens plácidas de um povo heróico o brado retumbante*”, que, na ordem direta, seria “*As margens plácidas do Ipiranga ouviram o brado retumbante de um povo heróico*”. No sujeito, existe um elemento central (subordinante), *margens*, a que se juntam, sucessivamente, numa relação de dependência, os seguintes elementos: *as + margens*; *as margens + plácidas* e *as margens plácidas + do Ipiranga*; além disso, o elemento *do Ipiranga*, marginal em relação a *margens*, foi constituído pela subordinação de *o* a um elemento central *Ipiranga*.

Assim, na subordinação, que não está restrita ao nível interoracional apenas, como faz crer a maioria das nossas gramáticas. Ao contrário: sem a subordinação não existe sequer a possibilidade de construção de uma oração.

Quanto aos elementos que instauram a coordenação e a subordinação no nível interoracional, que é o que nos interessa neste trabalho, Carone aponta que o segundo processo é instaurado por pronomes relativos e conjunções subordinativas, que propiciam a inserção de uma oração em determinado ponto de outra. O pronome relativo, segundo Mattoso Câmara Júnior, é uma conjunção subordinativa de tipo especial, que além de operar a inserção de uma oração em outra, faz algo que a conjunção não é capaz: representa, anaforicamente, a palavra com que a oração se relaciona. O relativo poderia até denominar-se “conjunção pronominal”.

Quanto à coordenação, Tesnière aponta que é a consequência de um fenômeno de “desdobramento” de um termo, que se vê, assim, em face de um peculiar “alter ego”. Nesse processo, parece que vão surgindo clones do indivíduo original, numa multiplicação para a qual não há, teoricamente, limites. Quando esse fenômeno atinge o centro da oração, o verbo – ao qual todos os elementos se subordinam, imediata ou mediatamente –, ocorre um desdobramento em duas orações coordenadas. Os elementos coordenados têm, portanto, o mesmo “status” sintático.

Carone argumenta que os elementos que instauram a coordenação são a conjunção coordenativa e a pausa, à qual se alia a ento-

nação. Em *sala oval acolhedora*, a autora explica que ao elemento subordinante *sala* juntamos um elemento subordinado *oval* e ao conjunto que se formou (*sala oval*) juntou-se, por subordinação o elemento *acolhedora*, caracterizando, assim, o binarismo da subordinação. Mas, segundo ela, bastaria que se colocasse entre os elementos *oval* e *acolhedora* uma pausa, para que tivéssemos um caso de coordenação em que *oval* e *acolhedora* estariam coordenados entre si, e ambos subordinados ao elemento central *sala*. O mesmo aconteceria se, entre os dois adjetivos acima citados, fosse usada a conjunção coordenativa “e”.

Não nos resta qualquer dúvida sobre o papel da conjunção coordenativa como elemento instaurador da coordenação. Mas é preciso ter cuidado com a pausa. As orações subordinadas adjetivas explicativas, introduzidas por pronome relativo e que representam um aposto, são separadas por significativa pausa, marcada, geralmente, na escrita, por vírgulas. No entanto, a própria autora, citando Câmara Júnior, apresenta os pronomes relativos como elementos de subordinação. Além disso, Carone ainda afirma que as conjunções adversativas, explicativas e conclusivas são precedidas de forte pausa, enquanto que, no caso das aditivas e alternativas, a pausa é quase imperceptível ao ouvido, embora a autora afirme que ela existe.

5 – Em que critérios podemos nos basear para classificar uma conjunção como coordenativa ou subordinativa?

5.1 – O que é uma conjunção?

Os compêndios de gramática citam, entre as conjunções, principalmente entre as coordenativas, elementos que, embora ajudem a estabelecer uma relação semântica entre as orações, não necessariamente têm posição obrigatória introduzindo a oração. Como exemplos, podemos citar *porém*, *todavia*, *contudo*, *entretanto*, *no entanto*, *pois* (= portanto), *portanto*. Esses elementos não devem ser considerados conjunções, pois não têm posição fixa no início da oração. São itens de origem adverbial, o que pode ser atestado por sua mobilidade. Bomfim (1988), embora reconhecendo o valor adversativo de *porém*, *todavia*, *contudo*, *entretanto* e *no entanto*, assinala que tais palavras/locuções, em virtude sua posição flutuante dentro da oração não podem ser classificadas como conjunções, ainda que sejam semanticamente equivalentes a *mas*, esta sim uma conjunção por sua posição obrigatória mente no início da oração quando liga orações. Na língua inglesa, elementos de comportamento sintático semelhante como *however*, *nevertheless* (semanticamente equivalentes a *but*) e *therefore* admitem posição flutuante na oração (ao contrário de *but*, que, quando liga orações, aparece sempre no início da oração) e são considerados por Quirk et alii (1985) como advérbios, com a função sintática de conjuntivos adverbiais (“adverbial conjuncts”).

Além disso, podemos ver essas palavras/locuções podem ser precedidas na oração pela conjunção coordenativa *e*, e, no caso das de valor adversativo, podem conviver dentro da mesma oração com a adversativa *mas*, o que nos parece ser um fator relevante para que retiremos esses elementos do grupo das conjunções adversativas.

Interessante também é ver o que ocorre com o elemento *pois*. Se introduz a oração, tem o valor de *porque*; porém, se aparece em qualquer outra posição que não seja a inicial tem o valor semântico de *portanto*. Assim, acreditamos existirem dois *pois*. Um que é uma conjunção, figura sempre no início de uma oração e equivale semanticamente a *porque*; outro que é adverbial, nunca encabeça sua oração e equivale semanticamente a *portanto*.

5.2 – Características sintáticas das conjunções coordenativas e subordinativas

5.2.1 – A mobilidade das orações introduzidas pelas conjunções

As orações introduzidas por conjunções coordenativas têm posição fixa no período, pois exigem um pré-texto. A conjunção coordenativa faz um movimento de retrocesso, isto é, aponta para trás, coordenando um elemento a outro que o antecede.

No caso da subordinativas gozam de maior mobilidade no período, principalmente as que introduzem uma oração adverbial. No entanto, essa característica não pode ser generalizada a todos os tipos de orações subordinadas, pois as adjetivas vêm normalmente após o

termo da oração ao qual o pronome relativo que as introduz representa. As substantivas têm comportamento mais heterogêneo; as apositivas, por exemplo, são colocadas após o termo ao qual servem de aposto.

Em português, somente a conjunção *ou* pode introduzir a primeira oração do período. Mas sua presença é dispensável. Somente a última oração é que tal elemento é obrigatório.

5.2.2 – Nível de atuação no período

As conjunções subordinativas atuam apenas no nível interoracional, ligando orações em que uma é função sintática da outra. Não atuam no nível intra-oracional.

As conjunções coordenativas, contudo, funcionam em ambos os níveis: intra-oracional e interoracional. Dentro da oração, atuam ligando elementos que, normalmente, têm a mesma função sintática. Quando atuam no nível interoracional, podem ligar tanto orações em que uma não é função sintática da outra, como podem ligar duas orações subordinadas que exerçam função sintática semelhante em relação a uma mesma principal.

5.3.3 – A coocorrência de conjunções coordenativas e subordinativas

Quando atuam no nível interoracional, as conjunções coordenativas podem preceder um conjunção subordinativa. Isso se dá por-

que, enquanto a subordinativa exerce a função de subordinar uma oração à sua principal, a coordenativa atua ligando duas orações subordinadas a uma mesma principal. Por realizarem funções distintas, elas podem conviver lado a lado no período.

Assim, a função da subordinativa é de encaixe de um sintagma oracional em outro. Não é possível que duas conjunções subordinativas encaixem o mesmo sintagma oracional (oração subordinada) na mesma principal. Da mesma forma, não é possível aceitar a convivência lado a lado de duas conjunções coordenativas, pois ambas estariam realizando a mesma função: coordenando uma oração à sua precedente.

5.3.4 – Mais algumas reflexões sobre os critérios de distinção entre conjunções coordenativas e subordinativas

A falta de mobilidade da oração introduzida pela conjunção coordenativa é uma realidade inquestionável. As conjunções coordenativas têm a função de ligar uma oração a outra previamente expressa, por isso, não é possível inverter a ordem das orações levando a conjunção, pois esta olha para trás, para a oração anterior. Por isso, exige pré-texto.

O critério do nível de atuação das conjunções é bastante eficaz com as subordinativas, pois estas atuam no nível interoracional, subordinando uma oração a outra, ou, como já dissemos, encaixando uma oração em outra. Mas as conjunções coordenativas podem funcionar de forma diferente. Conjunções como *e*, *ou* e *mas* atuam tanto

no nível interoracional quanto no nível intra-oracional. A conjunção *pois* é, contudo, híbrida. Por um lado, exige pré-texto e não convive com nenhuma das outras conjunções coordenativas, o que mostra seu comportamento claramente coordenativo. Por outro lado, não atua dentro da oração, mas somente ligando orações, o que a aproxima das subordinativas. À guisa de informação sobre este último elemento, verificamos que, durante vários séculos, a oração introduzida por *pois* pôde preceder a oração à que se referia. No entanto, esse comportamento sintático não sobreviveu até os dias atuais.

5.3.5 – *Algumas reflexões a mais sobre as conjunções coordenativas*

Azeredo (1990) explica que as conjunções coordenativas podem funcionar como conectivos e/ou como operadores argumentativos. As conjunções *e* e *ou* são mais abertas do ponto de vista semântico. Por isso, não explicitam tão claramente a relação semântica entre os elementos conectados. A conjunção *e* pode apresentar um mero valor aditivo, um valor adversativo (equivalente a *mas*) e pode ligar orações que, além do valor aditivo, trazem uma seqüência temporal, podendo transmitir a idéia de causa e conseqüência. Já a conjunção *ou* é mais freqüentemente empregada com valor exclusivo, mas também pode passar a idéia de inclusão, caso em que assemelha semanticamente a *e*. Não seriam, portanto, operadores argumentativos. Mas, como atuam tanto ligando elementos dentro da oração,

quanto orações, são verdadeiros conectivos. Além disso, podem ligar mais de dois elementos.

Já as conjunções *mas* e *pois* explicitam a relação semântica entre os elementos conectados, funcionando, assim, como operadores argumentativos. A diferença existente entre ambas está no fato de que *mas*, por atuar tanto ligando elementos dentro da oração, como orações, participa, também, do grupo dos conectivos, enquanto *pois* seria apenas um operador argumentativo, já que atua apenas ligando orações.

No entanto, enquanto *e* e *ou* não limitam o número de elementos ligados, *mas* restringe a dois os elementos coordenados. Igualmente *pois* só pode ligar duas orações.

Isso dá às conjunções *e* e *ou* um caráter mais coordenativo do que as outras. *Mas*, por seu turno vem logo depois, porque limita a dois os elementos ligados. Já a conjunção *pois*, embora tenha características que sejam compartilhadas com as coordenativas - exigência de pré-texto, incapacidade de coocorrer com outra coordenativa do tipo conectivo – atua apenas no nível interoracional, o que a aproxima das subordinativas.

Podemos, então, concluir que o caráter mais coordenativo ou mais subordinativo de uma conjunção/locução conjuntiva, obedece a um continuum. Ao mesmo tempo em que existem elementos extremamente coordenativos ou subordinativos, existem os que, possuindo mais características coordenativas ou subordinativas, também compartilham características do outro tipo.

6 – O comportamento sintático das conjunções causais/explicativas

A análise desse comportamento foi feita a partir de um corpus com 150 ocorrências do seguintes elementos: *pois*, *porque*, *já que*, *uma vez que*, *que* (= *porque*) e *como* (= *porque*). O corpus, de língua escrita, foi tirado basicamente de jornais, revistas, manuais de instrução de uso de aparelhos eletro-eletrônicos. Esse tipo de registro fica num meio termo entre o muito formal e o muito informal; por isso, foi por nós escolhido.

Pois apareceu 49 vezes no corpus (foi a segunda em número de ocorrências). Seu comportamento sintático já foi explanado em 5.3.4. Trata-se de uma conjunção com mais características de coordenativa do que de subordinativa, embora possua característica de contato com este último tipo.

Como (= *porque*) apareceu 17 vezes com comportamento sintático totalmente regular. Pode ocorrer em todos os casos com a conjunção coordenativa *e*. Ao contrário das coordenativas, exige pós-texto, isto é, a oração introduzida por *como*, no sentido de *porque*, tem de preceder a oração ao qual se refere. Por fim, *como* (= *porque*) sempre aparece ligando orações. Trata-se, pois, de uma conjunção subordinativa.

Já que também foi registrada 17 vezes sempre em ocorrências interacionais. Detectou-se em todos os casos a possibilidade de acréscimo de outra oração introduzida por *já que* mediante o uso da coordenativa *e*. Além disso, a oração de *já que* pode ser mudada de

posição, ficando antes ou depois da oração à qual se refere. Assim, vemo-la como subordinativa.

Uma vez que apareceu apenas 8 vezes. Parece ter um uso mais formal do que as demais. Além disso, devido à necessidade de economia de espaço em jornais, revistas, manuais de instruções, ela tende a ser evitada, por ser muito longa. Seu comportamento sintático foi inteiramente regular. Podemos dizer a esse respeito que nada a diferencia de *já que*.

Porque foi a conjunção de maior ocorrência, sendo registrada 50 vezes. É a única que coocorre com todas as conjunções coordenativas do tipo conectivo. Acerca de sua coocorrência com *mas*, Quirk et alii (1985) explicam que somente as conjunções que se situam dentro do escopo da negação permitem essa coocorrência, uma vez que nega-se o conteúdo de uma oração para se afirmar o conteúdo de outra, ligando-se as duas orações introduzidas por *porque* por meio da coordenativa *mas*. É a mais subordinativa das conjunções examinadas neste trabalho. Ocorre apenas ligando orações, pode ser precedida de qualquer coordenativa do tipo conectivo, pode vir antes ou depois da oração a que se refere.

Que (= *porque*) tem uso atual principalmente no registro informal. Lembramos, entretanto, que, no passado, Camões a usou em *Os Lusíadas*: “Cessem do sábio grego e do troiano as navegações grandes que fizeram; cale-se de Alexandro e de Trajano a fama das vitórias que tiveram; *que* eu canto o peito ilustre lusitano. Cesse tudo o que a Musa antiga canta, *que* outro valor mais alto se alevanta.”

Essa conjunção coocorre com *e*. Só ocorre ligando orações. No entanto, como as coordenativas, exige pré-texto, isto é, sua oração vem depois da oração a que se refere. Trata-se de uma conjunção com mais características de subordinativa do que de coordenativa, embora compartilhe com as coordenativas a exigência do pré-texto.

7 – Funções sintáticas das orações subordinadas adverbiais

Embora não seja objetivo deste trabalho, convém lembrar a diversidade de funções sintáticas que os advérbios podem ter na oração, muito embora as gramáticas normativas pautadas na NGB só falem de um: adjunto adverbial.

Em *O filho falou francamente com o pai* e *Francamente, aquele homem não vale nada*, temos um mesmo advérbio com comportamentos sintáticos distintos e que, portanto, não podem exercer a mesma função sintática. O primeiro *francamente* responde a uma pergunta feita ao verbo com o advérbio interrogativo *como*. O segundo não tem essa propriedade. O primeiro pode ser extraposto ou clivado, o segundo, não. Assim, o primeiro *francamente* guarda uma relação íntima com o verbo. Já o segundo, é um elemento periférico, um representante do sujeito enunciador na oração. Ao primeiro, podemos atribuir a função sintática de adjunto adverbial. Ao segundo, Quirk et alii, atribuem a função de disjunto ou disjuntivo adverbial.

As orações adverbiais, segundo Quirk et alii, funcionam como adjuntos adverbiais ou disjuntos adverbiais. No caso das conjunções

deste trabalho, somente *porque* introduz orações que funcionam como adjuntos adverbiais pelas razões expostas acima. As demais funcionam como disjuntos.

Quirk et alii classificam os disjuntos adverbiais em dois tipos: de conteúdo (content disjuncts) ou de estilo (style disjuncts). Os primeiros referem-se ao conteúdo da oração principal; os de estilo nunca se referem ao conteúdo da oração principal; referem-se somente ao seu ato da fala. Sintaticamente, os dois tipos de disjuntos comportam-se da mesma maneira quando submetidos aos testes que diferenciam os disjuntos dos adjuntos. Os autores também apontam que a diferença sintática mais marcante entre os dois tipos de disjuntos está na pausa, bem mais forte nos de estilo e quase inexistente nos de conteúdo.

Já que você está aqui, ajude-me na cozinha. – a oração introduzida por *já que* tem a função sintática de disjunto de estilo.

Pedro não veio à aula já que estava doente – a oração introduzida por *já que* tem a função de disjunto de conteúdo.

As orações que exercem a função de disjuntos de estilo, por referirem-se exclusivamente ao ato da fala de sua principal, têm implícito um verbo do campo semântico de “dizer” (concluir, ordenar, pedir, sugerir, etc.).

Conclusão

O presente trabalho está aberto a novas pesquisas. Mas um ponto é preciso deixar claro: na classificação de orações, é preciso separar o processo sintático pelo qual uma oração é incorporada ao período, da semântica por ela introduzida. Da mesma forma, na classificação das conjunções, é preciso analisar suas características sintáticas independentemente de sua semântica.

Referências Bibliográficas

- AZEREDO, José Carlos. *Iniciação à sintaxe do português*. Rio de Janeiro: Zahar, 1990.
- BECHARA, Evanildo. *Moderna gramática portuguesa*. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1989.
- BOMFIM, Eneida. *Advérbios*. São Paulo: Ática, 1988.
- CARONE, Flávia de Barros. *Subordinação e coordenação: confrontos e contrastes*. São Paulo: Ática, 1988.
- CEGALLA, Domingos Paschoal. *Novíssima gramática da língua portuguesa*. São Paulo: Nacional, 1987.
- CUNHA, Antônio Sérgio Cavalcante da. *O comportamento sintático das conjunções causais/explicativas*. Dissertação de Mestrado. Rio de Janeiro: PUC-RJ, 1994.
- CUNHA, Celso e CINTRA, Lindley. *Nova gramática do português contemporâneo*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1985.
- KURY, Adriano da Gama. *Novas lições de análise sintática*. São Paulo: Ática, 1990.
- LAKOFF, Robin. *If's, and'a and but's about conjunction*. In: _____. *Studies in Linguistics*. New York: Holt, Rinehart and Winston, 1971.
- MACEDO, Walmírio. *Gramática da lingual portuguesa*. Rio de Janeiro: Presença, 1991.
- PERINI, Mário A.. *Sintaxe portuguesa: metodologia e funções*. São Paulo: Ática, 1989.
- ROCHA LIMA, Carlos Henrique da. *Gramática normativa da língua portuguesa*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1989.
- QUIRK, Randolph et alii. *A comprehensive grammar of the English language*. London; New York: Longman, 1985.

VOGT, Carlos. *Indicações para uma análise semântico-argumentativa das conjunções porque, pois e já que*. In: _____. Linguagem, Pragmática e Ideologia. São Paulo: Hucitec, 1989.